

O DESPERDÍCIO DE CÉREBROS ENTRE MULHERES BRASILEIRAS E IMIGRANTES INTERNACIONAIS NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL BRASILEIRO

Fernanda Antunes M. Santos¹
Elaine Meire Vilela²

RESUMO

Este artigo tem como foco central analisar comparativamente se trabalhadoras brasileiras e imigrantes internacionais³ sofrem e o quais grupos mais sofrem com a distorção entre formação profissional (qualificação) e atuação ocupacional, denominada aqui como “*desperdício de cérebros*”⁴. A análise foca apenas nas mulheres que estão inseridas no mercado formal de trabalho brasileiro, em estabelecimentos que empregam pelo menos uma imigrante internacional no ano de 2017. Para isso utilizamos os dados de registros administrativos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério da Economia (ME)⁵.

Palavras-chave: Mercado formal de trabalho. Imigração do Sul e Norte global. Desperdício de cérebro.

Área Temática: Demografia

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: fernanda_antunesm@hotmail.com

² Professora Associada do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: emvilela@gmail.com

³ Denominamos aqui como imigrante internacional a pessoa que nasceu em outro país que não o Brasil e, em 2017, reside no território brasileiro. Neste caso, os imigrantes internacionais são indivíduos que se deslocam para outro país diferente do de nascimento e que lá permanecem por um período acima daquele estabelecido para turista.

⁴ Alguns chamam de inconsistência de status, como mostramos mais para frente.

⁵ Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Os impactos de cor/raça e etnia sobre a situação de estrangeiros e nativos no mercado de trabalho brasileiro”, financiado pela FAPEMIG.

INTRODUÇÃO

O intuito central deste artigo é responder às seguintes questões: 1) trabalhadoras imigrantes, comparadas às brasileiras, apresentam maior probabilidade de vivenciarem o desperdício de cérebros? 2) grupos de imigrantes oriundos de países em desenvolvimento, comparados aqueles de países mais desenvolvidos, têm maiores chances de experimentar a distorção formação/qualificação e atuação/ocupação? Se sim, quais são os grupos de imigrantes mais suscetíveis a tal experiência?

Até onde é do nosso conhecimento, não há estudos brasileiros sobre o mercado de trabalho que busquem responder essas questões comparando imigrantes internacionais e nativas, focando apenas em mulheres. Os poucos estudos nacionais que analisam, de forma direta ou indireta, tais questões, examinam, em geral, homens imigrantes internacionais (Vilela, 2008), alguns grupos de imigrante em específico (Sala, 2005; Simões, 2007; Silva, 2018; Ferreira da Silva e Bento, 2021) ou utilizam de análises qualitativas (Suzuki, 2019; Peres, 2012; Dutra, 2012).

Desta forma, esse estudo busca sanar algumas dessas lacunas dado que: 1) o foco central encontra-se nas mulheres; 2) busca comparar as imigrantes com as brasileiras; 3) possui uma abordagem quantitativa tendo como pano de fundo todo o território nacional; e 4) considera o estoque dos principais grupos étnicos/nacionais de imigrantes.

Além disto, o presente estudo busca dar visibilidade às experiências vivenciadas no mercado formal de trabalho brasileiro pelas mulheres imigrantes internacionais. Por muito tempo os estudos de migração e de estratificação no mercado de trabalho priorizaram os grupos de imigrantes masculinos, não conferindo a devida importância aos fluxos, à inserção laboral das mulheres, e o efeito do sexo nas trajetórias ocupacionais. Analisar tais questões torna-se cada vez mais importante, dado que as migrações internacionais contemporâneas se encontram caracterizadas pelo aumento da migração feminina (Angelin, 2012). E as mulheres tornam-se, cada vez mais, protagonista do processo de migração e, conseqüentemente, buscam uma melhor qualidade de vida a partir principalmente da inserção no mercado de trabalho.

Marinucci (2007) aponta que as políticas migratórias do destino influenciam na forma como a imigrante mulher é recebida no país. Essas políticas podem tanto facilitar quanto prejudicar a chegada das estrangeiras, e, com isso, influenciar diretamente a quantidade de mulheres que buscam esses países e o perfil migratório, bem como a inserção dela na vida laboral. No Brasil, Vilela e Sampaio (2015) apontam que as autorizações de trabalho são concedidas de forma majoritária para homens, principalmente aqueles com um perfil altamente qualificado, naturais de países desenvolvidos (norte-americanos, europeus e asiáticos). Ainda que essa realidade venha, a passos lentos, mudando ao longo dos anos, ainda assim fica visível os grandes obstáculos enfrentados pelas imigrantes internacionais ao buscarem o Brasil, e a invisibilidade que elas encaram no processo.

Ser mulher e ser estrangeira faz com que elas vivenciem um fenômeno de dupla estranheza e dupla insegurança, levando muitas mulheres a sofrerem ações discriminatórias no país de destino (Czarniawska; Sevón, 2008; Santos; Mesquita, 2017). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2008) lista níveis de discriminação que essas mulheres migrantes podem sofrer, como: sexual com base no gênero; de origem étnica e cor/raça levando à desigualdade de oportunidades; profissional em relação as diversas barreiras no mercado formal; e salarial quando comparadas aos estrangeiros e aos homens e mulheres nativos. Segundo a OIT (2008) ser mulher estrangeira afeta

diretamente na inserção dentro do mercado de trabalho, as mulheres encontram diversas barreiras e não conseguem acessar a alguns setores econômicos.

Portanto, compreender como se dá a inserção das imigrantes internacionais no mercado de trabalho brasileiro focando na questão do desperdício de cérebro é de fundamental importância para se pensar em políticas públicas de acolhimento e valorização do ser mulher imigrante.

Diversos estudos, principalmente internacionais (Piore, 1980; Friedberg, 2000; Sassen, 2000; Chiswick *et al*, 2002 e 2005; Oyelere, 2007; Egreja; Peixoto, 2011), buscam examinar o processo de inserção de imigrantes no mercado de trabalho no destino. Muitos abordam a questão da desvalorização do capital humano⁶ obtido no país de origem (como as teorias do mercado segmentado, da assimilação, da assimilação segmentada, por exemplo), acarretando em um desperdício de cérebro. Contudo, como já exposto anteriormente, não são muitos os estudos sobre o tema no Brasil com foco nas imigrantes internacionais.

Sendo assim, buscamos compreender de que forma mulheres imigrantes internacionais encontram-se inseridas no mercado formal de trabalho brasileiro e principalmente no que diz respeito a adequação formação e atuação ocupacional, isto é, sobre o desperdício de capital humano das imigrantes, quando comparadas com as brasileiras. Para isto, dividimos esse artigo em três seções, além desta introdução e das reflexões finais. A primeira seção demonstra o fenômeno do desperdício e os principais trabalhos que tratam do tema. Na segunda seção introduzimos a metodologia de pesquisa, trazendo os dados e os modelos estatísticos de análise. Em seguida, abordamos os resultados encontrados trazendo respostas para as perguntas expostas acima.

O DESPERDÍCIO DE CÉREBROS

Ao se envolverem em uma migração internacional, as mulheres ficam sujeitas ao *low international transferability of skills*⁷. A desqualificação faz com que mulheres imigrantes qualificadas se insiram em ocupações que possuem requisitos de qualificação inferiores ao nível educacional delas (Aragonés; Salgado, 2011), essa desqualificação acarreta no “desperdício de cérebros” (*brain wast*) (Oyelere, 2007; Mattoo, 2008; Lozano-Ascencio, Gandini, 2012; Pires, 2015)

Alguns autores trabalham com o termo “inconsistência de status” e “dissonância de status” ao se referirem a discrepância do status na escala laboral e social e a incompatibilidade entre as competências adquiridas e as funções exercidas pelos imigrantes ao chegarem na sociedade de destino, os quais acabam aceitando empregos de baixo status e com baixos salários, dissonantes ao nível de educação formal obtido no país de origem (Cavalcanti, 2015; Oliveira *et al*, 2019; Ferreira da Silva; Bento, 2021).

Cavalcanti (2015, p.28) exemplifica o caso de “dentistas, médicos, jornalistas, engenheiros que estão trabalhando na construção, na indústria pesada, nos abatedouros de frangos e carnes, entre outras atividades”. A inconsistência de status ou o desperdício de cérebros faz com que imigrantes percam recursos valiosos, desperdicem habilidades

⁶ Capital humano refere-se as habilidades, capacidades adquiridas pelos indivíduos a partir do investimento em educação formal, treinamento, experiência no mercado de trabalho, migração e saúde. Para maiores informações verificar Becker, 1964 e Schultz, 1973.

⁷ Tradução: Baixa transferência internacional de habilidades.

anteriormente adquiridas (OIT, 2008) e acabem não colhendo os benefícios da aquisição de capital humano (Pires, 2015).

Pires (2015) aponta que, no processo migratório, o indivíduo está sujeito a uma espécie de sorteio, em que por um lado pode ter todas as suas habilidades reconhecidas no destino e com isso ter um retorno positivo, ou pode não ser reconhecido e o indivíduo perde todo seu investimento em educação e habilidades. As consequências dessa perda são: redução do incentivo à educação e menor chance de auto seleção positiva. A autora denota que há grupos de determinadas regiões que estão mais sujeitos a vivenciarem níveis mais elevados de desperdício de cérebro, como é o caso de grupos originários da África, da Europa Oriental e da América Latina, muito influenciado pela visão dos empregadores de uma baixa qualidade educacional do local de origem (exceto da Europa Oriental).

Um fator observado no estudo de Lozano-Ascencio e Gandini (2021) refere-se à variável tempo de chegada, já que ela influencia na inserção no mercado de trabalho. Imigrantes recentes dentro dos EUA, com menos de 10 anos, ocupam piores ocupações. Já os imigrantes que estão por mais de 10 anos dentro dos EUA conseguem melhores posições ocupacionais, as quais são compatíveis com sua formação profissional. Além disto, verificam que os imigrantes que concluíram seus estudos dentro do país de destino estão em vantagem no mercado de trabalho se comparado aos que concluíram seus estudos no país de origem (Lozano-Ascencio; Gandini, 2012).

O trabalho de Lozano-Ascencio e Gandini (2012) analisa a fuga de cérebros e o desperdício de cérebros na mobilidade de trabalhadores qualificados na América Latina e Caribe. A migração qualificada da América Latina e Caribe é marcada pela saída de países pequenos em busca de países com melhor situação econômica. Esses trabalhadores se encontram principalmente nos Estados Unidos e tendem a se inserir mais em trabalhos não qualificados quando comparados aos nativos, o que configura desperdício de cérebro de imigrantes qualificados.

Em uma análise mais ampla, Adserà, Ferrer e Herranz (2020) buscam compreender o mercado de trabalho para as mulheres imigrantes e nativas, em toda a Europa. Eles identificam que mulheres imigrantes se inserem em profissões que exigem mais força de trabalho se comparada às nativas da Europa. As imigrantes apresentam um nível escolar mais alto na chegada, mas acabam se inserindo em um setor menos qualificado, devido à depreciação do capital humano. A lacuna encontrada pelas imigrantes na chegada ao país de destino, principalmente as mais recentes, é superada gradualmente após alguns anos de permanência no país (mais precisamente 10 anos), fazendo com que as imigrantes recuperem seu status profissional.

Esses achados corroboram com a teoria da assimilação que estabelece que estrangeira(o)s passam por um processo de desvalorização ou desqualificação do seu capital humano quando chegam ao país de destino, mas conseguem reverter essa situação após um tempo (Egreja; Peixoto, 2011). Para compreender esse processo os pesquisadores deram o nome desse fenômeno de “curva em U”. Para completar a curva em “U”, é necessário unir fatores como: tempo de residência, redes sociais, aquisição de capital social e simbólico, a regularização das autorizações de residência, validação de diploma e, especialmente, as políticas públicas de inserção laboral (Chiswick *et al.*, 2002; Cavalcanti *et al.*, 2015). (Chiswick *et al.*, 2002, p.2).

Em relação ao gênero, as mulheres na América Latina e Caribe estão cada vez mais escolarizadas, isso faz crescer o número de mulheres altamente qualificadas buscando a

migração internacional. Em toda América Latina e Caribe a migração qualificada das mulheres é mais rápida do que a dos homens e está acontecendo de forma mais notável em toda a região. De acordo com Lozano-Ascencio; Gandini (2012) a migração mundial de mão de obra qualificada tem ocorrido de forma mais constante e rápida nas últimas décadas e está se tornando mais frequente [exemplo disso é o caso das mulheres expatriadas]⁸ do que a migração de baixa qualificação (Lozano-Ascencio; Gandini, 2012).

Além disto, Mattoo, Neagu e Ozden (2006) identificam que o fator origem influencia na entrada do setor qualificado. Segundo os autores, imigrantes de origem da América Latina e do Leste Europeu possuem maior possibilidade de desperdício de cérebros nos EUA, pois suas habilidades e a educação adquirida no país de origem não conseguem ser transferidas facilmente no país de destino, diferentemente de imigrantes da Ásia e de países mais desenvolvidos.

No que diz respeito ao Brasil, há diversos trabalhos realizados, embora não focados nas mulheres imigrantes, que nos ajudam a compreender a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho. Sala (2005) e Vilela (2008) buscam analisar a inserção dos imigrantes, principalmente os originários do Sul global no Brasil e identificam a origem étnico/nacional como fator importante para compreensão da situação do(a)s imigrantes no mercado de trabalho no país hospedeiro.

Sala (2005) analisa os trabalhadores nascidos nos países do Cone Sul que estão residindo no Brasil, a partir do censo de 2000. A autora aponta que há uma diferença de inserção do mercado de trabalho brasileiro quando se compara imigrantes do Cone Sul e os nativos brasileiros, e que essa diferença gera desigualdade nos rendimentos, principalmente dos imigrantes. Ligada a questão da educação e das ocupações, os imigrantes são os que mais apresentam altos níveis de escolaridade e possuem maior experiência, quando comparados aos brasileiros. Entretanto, no geral, são os imigrantes que acabam recebendo menores rendimentos. Isso acontece pelo fato de o mercado de trabalho valorizar mais os atributos dos nativos brasileiros, do que os atributos dos imigrantes do Cone Sul. Mas, vale ressaltar, que algumas nacionalidades do Sul se destacam frente aos nativos dentro do mercado de trabalho, é o caso de argentinos, chilenos, paraguaios e uruguaios.

Mesmo com a demanda do Brasil por trabalhadores com níveis mais altos de escolaridade, o mercado não é capaz de absorver a demanda por mão de obra qualificada, gerando uma crescente tendência de sobreeducados em suas ocupações. Os achados em relação a sobreeducação dos trabalhadores no Brasil, revela que entre as mulheres do Cone Sul, apenas as paraguaias apresentaram menor proporção em relação as brasileiras, as demais nacionalidades possuem maior sobreeducação (Sala, 2005).

O trabalho de Vilela (2008), também utilizando o censo de 2000, busca comparar homens imigrantes internacionais das nacionalidades argentina, boliviana, chilena, paraguaia, peruana, uruguaia, chinesa e coreana, com os brasileiros (migrantes e não migrantes) dentro do mercado de trabalho brasileiro. Ao traçar o perfil socioeconômico dos imigrantes verifica que os imigrantes internacionais possuem maior nível educacional que os brasileiros (migrantes ou não migrantes). Quanto ao fator sobreeducação dos indivíduos, ao se comparar os requisitos educacionais que são exigidos pelas ocupações,

⁸ O número de mulheres expatriadas no Brasil vem crescendo ano a ano. Essas mulheres possuem em sua maioria cursos de nível superior completo, e buscam na carreira internacional o desenvolvimento de habilidades afim de alcançarem uma progressão profissional (Fraga, 2015).

a autora demonstra que os trabalhadores migrantes e não migrantes possuem tendência a estarem sobreeducados em suas ocupações. Contudo, são os imigrantes internacionais os que mais sofrem com o descompasso entre formação e atuação profissional.

Vale destacar que a inserção no mercado de trabalho pode ser ainda mais difícil para imigrantes não econômicos e/ou involuntários como no caso de uma migração forçada⁹. O trabalho de Silva (2018) e Simões *et al.* (2017) demonstram a situação de venezuelanos dentro do mercado laboral brasileiro. Trata-se da migração de um grupo vulnerável, que acontece em um contexto de migração forçada, com pedido de refúgio ao Brasil (Silva, 2018). Esse grupo do Sul global, assim como outras nacionalidades do Sul, se depara com barreiras no mercado de trabalho. Aqueles que alcançam algum tipo de trabalho acabam se concentrando em ocupações na base da hierarquia ocupacional, instáveis, com pouca possibilidade de mobilidade social e com baixos rendimentos, mesmo a maioria dos venezuelanos apresentando altos níveis de escolaridade (Simões *et al.*, 2017). Entretanto, há uma parcela de venezuelanos que vem diretamente trabalhar em empresas brasileiras demandantes de trabalhadores altamente qualificados. Muitos dos movimentos migratórios de venezuelanos fazem parte do movimento de “fuga de cérebros”¹⁰ (Silva, 2018).

Dutra *et al.* (2015) examinam imigrantes do Norte global no mercado de trabalho brasileiro, focando em portugueses e espanhóis. Eles identificam que portugueses se inserem principalmente nas ocupações de Profissionais das Ciências e das Artes e Diretores e Gerentes, ocupações proporcionais aos níveis educacionais destes, já que a maioria possui Educação Superior Completa ou Ensino Médio Completo. No que diz respeito aos rendimentos, eles recebem altos salários, entre 5 e 10 salários mínimos ou mais de 20 salários. Os espanhóis também se concentram em ocupações de Diretores e Gerentes e Profissionais das Ciências e das Artes, também possuem níveis educacionais altos, como Educação Superior Completa ou Ensino Médio Completo. Demonstrando como alguns grupos são mais valorizados no mercado brasileiro.

Os trabalhos acima expostos demonstram as diversas dificuldades encontradas por imigrantes para a inserção no mercado de trabalho hospedeiro, principalmente no que diz respeito à transferência e valorização do capital humano adquirido na origem. Isso é mais perceptível entre os imigrantes oriundos do Sul global e os indocumentados. As barreiras estão ligadas às questões como: origem étnica/nacional, atributos produtivos menos valorizados do que os atributos dos nativos, escolaridade e experiência desvalorizados no Brasil, dificuldades de validação de credenciais educacionais, discriminação, política de acolhimento, entre outros.

O que as pesquisas nacionais nos apresentam é um quadro de não homogeneidade quanto à situação laboral das imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Há desigualdades entre os imigrantes quanto à origem étnico/nacional, com vantagem para aqueles grupos de países mais desenvolvidos, do Norte global. Eles se concentram nas melhores estruturas ocupacionais e conseguem os melhores estratos de rendimento, superando, em alguns casos, até mesmo, os nativos e não sofrem tanto com o desperdício de cérebro ou se sofrem é mais a curto prazo. Diferente da situação da maioria dos imigrantes do Sul

⁹A migração forçada acontece por conta de questões políticas, violência étnica, perseguição, conflitos internos ou internacionais e também por conta de desastres naturais (Moreira, 2017; Castles *et al.*, 2014).

¹⁰ Quando indivíduos qualificados deixam seu país de origem em busca de melhores condições no país de destino (Silva, 2018).

global que mesmo com alta escolaridade encontram barreiras que dificultam a inserção em melhores empregos e esses acabam se aglutinando em setores menos qualificados, recebem menores rendimentos, vivenciando o desperdício de cérebros de forma permanente ou a longo prazo.

Vale destacar que as mulheres nativas vivenciam também o desperdício de cérebros. Essa vivência ocorre porque nativas, quando comparadas aos homens nativos, possuem mais tempo de estudo e qualificação, mas ainda recebem menos rendimentos e maiores barreiras ao acesso a cargos mais elevados e/ou de chefia (Lino; Alecrim, 2017). Contudo, as nativas, através do conhecimento que possuem do mercado de trabalho e da obtenção de capital humano no país de origem, conseguem se inserir em diversos setores e com o tempo visualizar uma mobilidade ocupacional¹¹ de forma mais eficaz do que as imigrantes. Quando há ocupações que precisam de mais mão de obra qualificada, as nativas são incentivadas a buscarem mais qualificação para atenderem as demandas. Considerando essas experiências, o que queremos verificar é quem sofre mais com o desperdício de cérebro, imigrantes ou brasileiras, e entre aquelas, quais grupos têm maiores probabilidades de vivenciarem a inadequação formação educacional e atuação profissional.

A partir da literatura exposta acima, estabelecemos três hipóteses a serem testadas, quais sejam: 1) ser imigrante, comparada a ser brasileira, está associada positivamente com maior desperdício de cérebro, dado a desvalorização do capital humano adquirido fora do Brasil; 2) considerando as desigualdades identificadas no território brasileiro quanto a inserção laboral de imigrantes do Norte e do Sul global, inferimos que são as mulheres imigrantes do Sul global, majoritariamente, as que experienciam uma maior probabilidade de desperdício de cérebro; 3) porém, não são todos os grupos de mulheres imigrantes do Sul global que experimentam uma maior probabilidade de desperdício de cérebro, conjecturamos uma heterogeneidade quanto à experiência do desperdício de cérebro dentre os grupos do Norte e do Sul global.

METODOLOGIA

DADOS

Para a análise comparativa de trabalhadoras brasileiras e imigrantes internacionais quanto à distorção entre formação profissional (qualificação) e atuação ocupacional, utilizamos um importante instrumento de coleta de dados: a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS de 2017.

A partir desta base, selecionamos então apenas as mulheres. Incluímos somente as trabalhadoras imigrantes internacionais e as brasileiras natas, excluindo aquelas mulheres naturalizadas brasileiras¹². Os dados são desagregados até o nível dos indivíduos¹³, constando apenas um registro por pessoa. São analisadas mulheres com idades entre 18 e 60 anos. A RAIS apresenta uma delimitação ligada a variável setor, público e privado. Os servidores públicos perdem a informação de raça/cor dentro do banco da RAIS, com isso,

¹¹ Vale lembrar que este trabalho não analisa a mobilidade ocupacional das mulheres, mas sim as desigualdades socio ocupacionais existentes entre nativas e imigrantes.

¹² Isso porque não é possível identificarmos o país de origem dessas mulheres

¹³ A RAIS é uma base de dados de vínculos. Desta forma, transformamos a base de vínculos em pessoas. Para isto, definimos um vínculo como principal a partir do maior rendimento mensal e maior tempo de trabalho.

optamos por excluir os servidores públicos das análises, já que raça/cor é um importante fator a ser considerado para análise do mercado de trabalho brasileiro. Outro ponto a ser ressaltado é que trabalhamos apenas com as dez principais nacionalidades do estoque das imigrantes no mercado formal de trabalho, e optamos por separar em dois grupos: a) Sul global: haitianas, paraguaias, argentinas, bolivianas e uruguaias; e b) Norte global: portuguesas, japonesas, norte-americanas, francesas e italianas.

A última delimitação refere-se à utilização de uma amostra do banco de dados. Optamos por manter apenas os casos em que mulheres brasileiras estejam empregadas nas mesmas empresas que empregam as mulheres imigrantes, sejam estas do Norte, sejam do Sul global. A filtragem é feita através do CNPJ das empresas, onde só permanecem na base as trabalhadoras de estabelecimentos que empregam pelo menos uma imigrante internacional oriunda dos grupos étnicos nacionais principais¹⁴. Com isso, nosso universo de mulheres é de 1.035.933 milhão no mercado formal de trabalho brasileiro. Sendo 3.322 mil mulheres imigrantes do Norte global, 15.237 mil imigrantes do Sul global e 1.017.374 milhão de mulheres brasileiras.

VARIÁVEIS

Os microdados da RAIS apresentam tanto informações relativas às trabalhadoras, quanto às empresas onde elas estão empregadas. Dentre todas as variáveis disponíveis na Relação Anual de Informações Sociais, selecionamos as variáveis que ajudam a responder as perguntas deste trabalho¹⁵. A partir de algumas variáveis (observadas) outras foram criadas (latentes) para as análises. A variável dependente *Sobreeducação* trata-se de uma *proxy* para mensurar desperdício de cérebro. Ela é constituída a partir da interação entre ocupação, grau de instrução e o nível educacional exigido pela ocupação. Já a variável independente de teste é origem étnica/nacional/racial, isto é, o país de nascimento das imigrantes comparadas às brasileiras (brancas ou não brancas). A intenção é ver o efeito da origem nacional das imigrantes do Norte global e do Sul global em relação as brasileiras brancas e as não brancas. Nós assumimos fazer uso da variável cor/raça para a análise somente para as brasileiras, dado que a raça/cor não se mostrou significativa nas análises de origem e situação ocupacional realizado por Medeiros *et al.* (2019).

A variável tempo de residência no país de destino é constituída para a formação de dois grupos de análises: a) imigrantes com 10 anos ou menos de residência no Brasil; e b) aquelas com 11 anos ou mais de residência no país. Essa variável é considerada para a análise de amostras diferentes, portanto ela não é inserida como variável independente no modelo. Isso ocorre porque essa variável existe somente para as trabalhadoras estrangeiras, mas não para brasileiras, e a mesma deve ser considerada em nossa análise dado sua importância como fator de impacto na situação dessas imigrantes no mercado de trabalho na sociedade hospedeira.

Como já exposto, para as imigrantes, tempo de residência é um fator importante para explicar a inserção das imigrantes em determinados grupos ocupacionais e nos rendimentos no mercado de trabalho. Com base nos trabalhos dos autores Lozano-Ascencio e Gandini (2012) e Adserà, Ferrer e Herranz (2020), mulheres estrangeiras com

¹⁴ Essa delimitação é por questões técnicas de processamento dos modelos estatísticos de análise.

¹⁵ Para saber as demais variáveis, consultar o layout dos microdados da RAIS 2017, disponível para acesso através do link: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401201-base-de-dados-harmonizadas-ctps-rais-caged/>

menos de 10 anos de residência no país de destino ocupam piores ocupações se comparadas às mulheres com mais de 10 anos. Segundo os autores esse é o tempo que levaria para as imigrantes recuperarem seu status profissional. Dessa forma, cada modelo de análise é examinado duas vezes, sendo um onde comparamos brasileiras brancas, brasileiras não brancas e imigrantes internacionais com 10 anos ou menos de residência no Brasil e outro em que examinamos as variações entre nativas brancas ou não brancas e imigrantes internacionais com 11 anos ou mais de residência. As variáveis dependentes e independente e suas descrições se encontram nos quadros 1 e 2 abaixo.

As variáveis dependente e independente de teste:

Quadro 1: Variáveis dependente e independente de teste, 2017 – RAIS

Variável Dependente		
Variável	Tipo	Descrição
Sobreeducação	Binária	Variável sobreeducação: construída através da ocupação, grau de instrução e o nível educacional exigido pela ocupação
Variável independente de teste		
Origem étnica nacional: menos de 10 anos ou mais de 11 anos¹⁶	Binária	1 - Argentinas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Bolivianas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Haitianas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Paraguaias 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Uruguaias 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Francesas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Italianas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas 1- Japonesas 0 - Brasileiras Brancas ou não brancas

¹⁶ Para origem étnica nacional, são feitos quatro modelos: i) origem étnica nacional para imigrantes que residem 10 anos ou menos, tendo como referência as mulheres brasileiras brancas; ii) origem étnica nacional para imigrantes que residem 10 anos ou menos, tendo como referência as mulheres brasileiras não brancas; iii) origem étnica nacional para imigrantes que residem 11 anos ou mais, tendo como referência as mulheres brasileiras brancas; e iv) origem étnica nacional para imigrantes que residem 11 anos ou mais, tendo como referência as mulheres brasileiras não brancas.

	1- Norte-americanas
	0 - Brasileiras Brancas ou não brancas
	1- Portuguesas
	0 - Brasileiras Brancas ou não brancas

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

A variável *sobreeducação* visa mensurar se as mulheres estão em ocupações em que o número de anos de estudo é superior ao nível de escolaridade considerado necessário para aquela ocupação, no sentido de mensurar o desperdício de cérebro. Para criar essa variável, utilizamos a variável ocupação (CBO) e nível educacional das mulheres. Na RAIS a variável escolaridade se encontra categórica, distribuída da seguinte maneira: 1) analfabeto, 2) até o 5ª ano Incompleto do Ensino Fundamental, 3) 5ª ano Completo do Ensino Fundamental, 4) do 6ª ao 9ª ano Incompleto do Ensino Fundamental, 5) Ensino Fundamental Completo, 6) Ensino Médio Incompleto, 7) Ensino Médio Completo, 8) Educação Superior Incompleta, 9) Educação Superior Completa, 10) Mestrado Completo e 11) Doutorado Completo.

Para construir a variável sobreeducação, fundamentamo-nos no trabalho de Fernandes e Menezes-Filho (2012), onde eles criam grupos de educação através de anos escolares concluídos. Os grupos apontados pelos autores são: pessoas que estudaram de 0 a 3 são analfabetos, as que estudaram até 4 anos possuem Ensino Fundamental Incompleto, entre 5 e 7 anos de estudo 5º ano Completo, até 8 anos tem até o 9º ano Incompleto, entre 9 e 10 anos Ensino Fundamental Completo, até 11 anos Ensino Médio Incompleto, entre 12 a 14 anos Ensino Médio Completo e 15 ou mais Superior Completo. Nota-se que os autores deixaram margem de 1 ou 2 anos em alguns níveis escolares, dado que alguns alunos demoram mais tempo para concluírem aquela série escolar.

Através do grupo de educação criado pelos autores Fernandes e Menezes-Filho (2012), é possível atribuir anos de estudo para as mulheres de cada faixa escolar e dessa forma minimizar a falta de informação sobre anos de estudo. O grupo criado por eles não abarca todo o universo de níveis de escolaridades presentes dentro da RAIS. Para tanto, seguindo os mesmos critérios adotado pelos autores, após o nível de Ensino Superior são atribuídos mais anos de escolaridade.

Dessa forma criamos a distribuição de anos de estudo da seguinte maneira: 1) analfabetas, 3 anos de escolaridade, 2) até o 5ª ano Incompleto do Ensino Fundamental, 4 anos de escolaridade, 3) 5ª ano Completo do Ensino Fundamental, 7 anos, 4) do 6ª ao 9ª ano Incompleto do Ensino Fundamental, 8 anos, 5) Ensino Fundamental Completo, 10 anos, 6) Ensino Médio Incompleto, 11 anos, 7) Ensino Médio Completo, 14 anos, 8) Educação Superior Incompleta, 17 anos, 9) Educação Superior Completa, 18 anos, 10) Mestrado Completo, 20 anos e 11) Doutorado Completo, 24 anos. Após atribuir valores a cada nível escolar, foi possível construir a variável sobreeducação seguindo o modelo proposto por Sala (2005) e Vilela (2008).

As autoras Sala (2005) e Vilela (2008) construíram a variável sobreeducação seguindo os critérios: através da variável anos de estudo, criaram uma média de escolaridade para cada grupo ocupacional. Em seguida, estimaram a diferença entre escolaridade do indivíduo, anos de estudos, e a escolaridade média para o grupo ocupacional em que ele se encontra, tanto para os trabalhadores nativos quanto para os imigrantes. Se os trabalhadores estivessem com escolaridade superior ao nível esperado para o grupo ocupacional, ele é

considerado sobreeducado (=1), do contrário ele não está sobreeducado em sua posição ocupacional (=0) (VILELA, 2008, p.94; SALA, 2005, p.104).

No que diz respeito a nossa variável de teste, essa se refere aos dez países de maior estoque de trabalhadoras imigrantes na base da RAIS no ano de 2017. Os nossos grupos de referências são as brasileiras brancas ou não brancas.

Quadro 2: Variáveis independentes de controle, 2017 – RAIS

Variáveis independentes controle		
Variável	Tipo	Categorias
Idade Centralizada	Linear	Idade do indivíduo centralizada na média
Idade centralizada ao quadrado	Linear	Idade do indivíduo centralizada na média ao quadrado
Deficiência		
Física	Binária	1-Deficiência Física 0-Não Deficiente
Auditiva	Binária	1-Deficiência Auditiva 0-Não Deficiente
Visual	Binária	1-Deficiência Visual 0-Não Deficiente
Mental/Cognitiva	Binária	1-Deficiência Mental/Cognitiva 0-Não Deficiente
Múltipla	Binária	1-Deficiência Múltipla 0-Não Deficiente
Tipo de ocupação¹⁷		
Ocup2	Binária	1- Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas e gerentes 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup3	Binária	1- Profissionais da Ciência e Artes 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup4	Binária	1- Técnicos de nível médio 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup5	Binária	1- Serviços Administrativos 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup6	Binária	1- Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup7	Binária	1- Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup8	Binária	1- Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais 0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Ocup9	Binária	1- Operadores de Máquinas

¹⁷ Excluimos o grupo ocupacional (Ocup1) de Forças Armadas, Policiais e Bombeiros Militares, visto que existem grupos de imigrantes que não apresentam casos. Vale lembrar que essa variável é independente no modelo de regressão para rendimentos salariais.

		0- Trabalhadores de manutenção e reparação
Grandes Regiões		
Norte	Binária	1-Região Norte 0-Região Sudeste
Nordeste	Binária	1-Região Nordeste 0-Região Sudeste
Centrooeste	Binária	1-Região Centrooeste 0-Região Sudeste
Sul	Binária	1-Região Sul 0-Região Sudeste

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

Afim de entender o impacto líquido/real da origem étnica/nacional, usamos algumas variáveis de controle que nos auxiliam na compreensão das desigualdades dentro do mercado de trabalho brasileiro. A variável deficiência é criada através das categorias já disponibilizadas na RAIS, são elas: 1) Física; 2) Auditiva; 3) Visual; 4) Mental e Cognitiva; e 5) Múltipla. Para cada categoria constituímos uma variável binária sendo a categoria de referência “não tem fator de deficiência”. A variável *tipos de ocupação* se refere às ocupações disponibilizadas pela RAIS, através da Classificação Brasileira de Ocupações são criados os Grandes Grupos Ocupacionais. Também trabalhamos com a variável *grandes regiões* em que essas mulheres se encontram. Após a exposição e a explicação da constituição das variáveis a serem consideradas nas análises estatísticas, a seguir apresentamos os modelos de regressão utilizados.

MODELO

Afim de testar as hipóteses levantadas por este trabalho fazemos uso do modelo *Multilevel mixed-effects logistic regression*, o qual se trata de uma regressão logística que contém efeitos fixos e efeitos aleatórios e que permite muitos níveis de efeitos aleatórios.

A seguir, o quadro com a descrição dos modelos de regressão utilizados.

Quadro 3 - Modelos de regressão dos dados da RAIS 2017

MODELO	VARIÁVEL DEPENDENTE	AMOSTRA		ESTIMAÇÃO
Modelo 1.1	Sobreeducação	Modelo estimado para mulheres brasileiras brancas (grupo de referência) e mulheres imigrantes do Norte e Sul global.	Imigrantes que residem 10 anos ou menos no Brasil	<i>Multilevel mixed-effects logistic regression</i>
Modelo 1.2	Sobreeducação	Modelo estimado para mulheres brasileiras brancas (grupo de referência) e mulheres imigrantes do Norte e Sul global.	Imigrantes que residem 11 anos ou mais no Brasil	<i>Multilevel mixed-effects logistic regression</i>
Modelo 2.1	Sobreeducação	Modelo estimado para mulheres brasileiras não brancas (grupo de referência) e mulheres imigrantes do Norte e Sul global.	Imigrantes que residem 10 anos ou menos no Brasil	<i>Multilevel mixed-effects logistic regression</i>

Modelo 2.2	Sobreeducação	Modelo estimado para mulheres brasileiras não brancas (grupo de referência) e mulheres imigrantes do Norte e Sul global.	Imigrantes que residem 11 anos ou mais no Brasil	<i>Multilevel mixed-effects logistic regression</i>
-------------------	---------------	--	--	---

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

RESULTADOS

Vale lembrar que a sobreeducação está ligada a escolarização das mulheres ser superior ao que a ocupação de atuação exige, fazendo com que as mulheres subutilizem suas habilidades, o que gera uma sobreeducação na ocupação ou sobrequalificação ou o que podemos chamar de “desperdício de cérebros”.

De 1.035.933 milhão mulheres no mercado formal brasileiro, 57,7% não estão sobreeducadas e 42,2% estão sobreeducadas. Contudo, como esperado, é possível verificar que há um percentual maior de mulheres sobreeducadas entre as imigrantes do que entre as brasileiras e essa sobreeducação é maior entre as mulheres oriundas do Norte global. As imigrantes do Norte global possuem 58,6% das mulheres sobreeducadas, já para as mulheres do Sul global esse percentual é de 49,2% que ainda é superior ao das brasileiras (Gráfico 1).

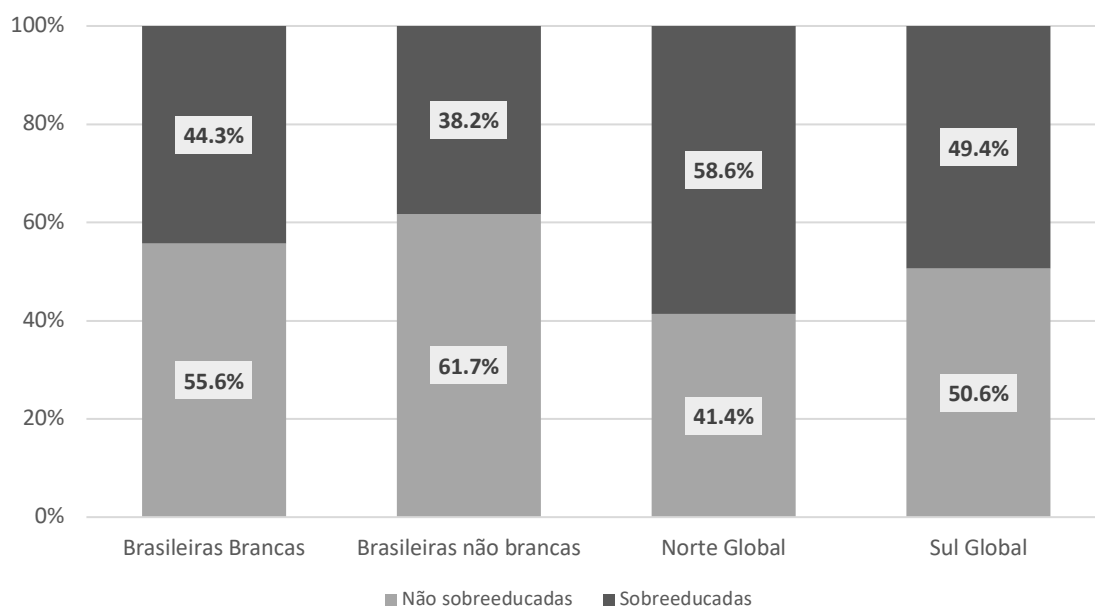


Gráfico 1: Distribuição percentual de sobreeducadas e não sobreeducadas para mulheres brasileiras, brancas e não brancas, e imigrantes do Norte e Sul Global, no mercado de trabalho formal, 2017 - RAIS

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

Ao verificarmos a sobreeducação através do tempo de chegada das imigrantes, o que observamos é que as mulheres do Norte global, tanto as recém-chegadas (63%) quanto as que estão a mais tempo (55%) no Brasil se encontram em maior proporção de sobreeducadas (Tabela 1 e 2). Entretanto, a sobreeducação impacta de forma maior as

recém-chegadas. Já entre as mulheres do Sul global, observamos que as recém-chegadas há uma maior proporção de mulheres que não estão sobreeducadas, 51,4%. Diferentemente das que se encontram a mais tempo residindo no Brasil que 52,2% estão sobreeducadas nas ocupações de atuação.

A possível explicação para o efeito encontrado para as mulheres do Norte global é que mesmo essas mulheres possuindo um perfil de alta escolaridade ainda assim podem estar em desvantagem frente as mulheres nativas que possuem o mesmo nível escolar, isso porque há muitas mulheres sem conseguir a valorização de suas qualificações. Dialogando com a teoria da Assimilação Segmentada, essas mulheres não conseguem transferir para o destino as habilidades que foram obtidas na origem, e nem mesmo após um tempo de permanência no destino, sendo esse efeito observado para as mulheres que residem 11 anos ou mais. Entre as recém-chegadas, mesmo que alguns grupos consigam se destacar nas ocupações mais privilegiadas, elas ainda são 63% das sobreeducadas, demonstrando que há sim barreiras para alcançar as melhores ocupações dentro do mercado. Pois mesmo que as mulheres tenham um nível escolar mais alto que as brasileiras, elas ainda encontram barreiras e o capital humano adquirido anteriormente não é valorizado e/ou recuperado.

Já as mulheres do Sul global possuem o perfil ocupacional diferente das mulheres do Norte global, elas apresentam um nível escolar mais baixo e se aglutinam em ocupações intermediárias ou baixas. Em razão de apresentarem tais características, essas mulheres possuem uma menor concentração de sobreeducação, portanto, elas conseguem se inserirem nas ocupações que melhor se encaixam com suas qualificações. Observamos que após 11 anos de residência as mulheres apresentam maiores concentrações de sobreeducadas, isso vai de encontro a educação das mulheres que residem a mais tempo no Brasil, elas apresentam maior escolarização quando comparadas as recém-chegadas. Portanto, ao aumentar a escolaridade a sobreeducação também aumenta.

Tabela 1: Distribuição percentual e frequência total de Sobreeducação e com 10 anos ou menos de residência no Brasil, para mulheres migrantes do Norte e Sul global, no mercado de trabalho formal, 2017 - RAIS

10 ANOS OU MENOS DE RESIDÊNCIA NO BRASIL		
Nacionalidade	Não sobreeducadas	Sobreeducadas
Norte Global	37,1%	63%
Sul Global	51,4%	48,6%
Brasileiras brancas	55,7%	44,3%
Brasileiras não brancas	61,8%	38,2%

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

Tabela 2: Distribuição percentual e frequência total de Sobreeducação e com 11 anos ou mais de residência no Brasil, para mulheres migrantes do Norte e Sul global, no mercado de trabalho formal, 2017 – RAIS

11 ANOS OU MAIS DE RESIDÊNCIA NO BRASIL		
Nacionalidade	Não sobreeducadas	Sobreeducadas
Norte Global	45,1%	55%
Sul Global	47,8%	52,2%

Brasileiras brancas	55,7%	44,3%
Brasileiras não brancas	61,8%	38,2%

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

Os dados sugerem também que, para as mulheres do Norte global, as dificuldades são maiores para a valorização e/ou recuperação do capital humano, dado que a sobreeducação tem maior impacto sobre esse grupo, quando comparadas com aquelas do Sul global. Contudo, os resultados descritivos sugerem que o tempo é um fator favorável para a redução do desperdício de cérebro entre as imigrantes do Norte global, mas não entre as do Sul global. Estas parecem encontrar barreiras ainda maiores, dado maior tempo de residência no Brasil quanto à adequação qualificação/ocupação, dialogando com a Teoria da Assimilação Segmentada. Dessa forma, para um maior aprofundamento é importante verificar se origem étnica/nacional, controlado por outras variáveis, é um fator importante para explicar a sobreeducação.

A baixa transferibilidade e depreciação do capital humano que foi adquirido na origem é destacado dentro dos estudos de Chiswick *et al.* (2002) e Adserà e Chiswick (2007), demonstrando que a(o)s imigrantes comparada(o)s com a(o)s nativa(o)s sofrem maior queda no status ocupacional, e estão em pior situação ocupacional dentro do mercado de trabalho. E é esse o efeito encontrado para as imigrantes do Norte global, mesmo possuindo altos níveis educacionais e se concentrados em setores mais privilegiados, ainda assim sofrem com a depreciação do capital humano e com isso apresentam maior sobreeducação. Essas mulheres poderiam estar em uma situação ainda mais favorável se as barreiras para transferência das habilidades não fossem tão grandes.

Já em relação as mulheres do Sul Global, que possuem como característica uma migração mais recente (Cavalcanti *et al.*, 2015), as recém-chegadas do Sul Global, 79,1% estão sobreeducadas no Ensino Médio (Tabela 3), o que demonstra que essas mulheres não conseguiram transferir suas habilidades e conhecimentos para o Brasil e com isso acabam em ocupações que exigem menos escolarização. Para essas imigrantes, o tempo de residência contribui para que consigam recuperar melhor o capital humano, ainda que 56,8% estejam sobreeducadas após 11 anos de residência no país. Já para as mulheres mais escolarizadas, o maior tempo de residência faz a sobreeducação cair um pouco, passando de 70,9% para 68,1% com Ensino Superior Completo e aumentar de 97,1% para 100% no Mestrado/Doutorado (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição percentual e frequência total de Sobreeducação, Tempo de Residência e Grau de Instrução, para mulheres migrantes do Norte e Sul global, no mercado de trabalho formal, 2017 – RAIS

SOBREEDUCAÇÃO, TEMPO DE RESIDÊNCIA E GRAU DE INSTRUÇÃO						
		Analfabetos	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Educação Superior	Mestrado/Doutorado
10 ANOS OU MENOS						
Norte global	Não Sobreeducadas	100%	100%	57,8%	32,6%	0,6%
	Sobreeducadas	0%	0%	42,3%	67,4%	99,4%
TOTAL		2	35	400	917	179
Sul global	Não Sobreeducadas	100%	99,5%	20,9%	29,1%	2,9%
	Sobreeducadas	0%	0,5%	79,1%	70,9%	97,1%
TOTAL		553	3.949	6.274	1.081	34

11 ANOS OU MAIS						
Norte global	Não Sobreeducadas	0%	97,3%	67,7%	30,9%	0%
	Sobreeducadas	0%	2,7%	32,3%	69,1%	100%
TOTAL		0	73	617	1.030	69
Sul global	Não Sobreeducadas	100%	99,2%	43,2%	31,9%	0%
	Sobreeducadas	0%	0,8%	56,8%	68,1%	100%
TOTAL		9	528	1.710	1.028	71
BRASILEIRAS						
Brasileiras brancas	Não Sobreeducadas	100%	99,8%	56,8%	37,9%	4,7%
	Sobreeducadas	0%	0,2%	43,2%	62,1%	95,3%
TOTAL		1.024	107.153	281.179	249.571	12.532
Brasileiras não brancas	Não Sobreeducadas	100%	99,8%	58,5%	34,4%	4,2%
	Sobreeducadas	0%	0,2%	41,5%	65,6%	95,8%
TOTAL		739	76.527	208.492	78.534	1.623

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

Ainda que a maior escolaridade intensifique a sobreeducação vivenciada por essas mulheres, a origem deve ser levada em conta como fator que impacta na transferência de habilidades. O efeito origem já foi mencionado nos trabalhos de Sala (2005) e Vilela, Collares e Noronha (2015), que destacam que o mercado de trabalho brasileiro valoriza mais os atributos dos nativos brasileiros, do que os atributos dos imigrantes do Cone Sul, visto que o mercado é um gerador de desigualdade e que determinados grupos são discriminados por suas origens e/ou cor ou raça. É isso que abordamos a seguir

Através dos modelos de regressão, o que se observa é que, comparadas a brasileiras brancas, entre as imigrantes recém-chegadas são haitianas as que apresentam efeitos negativos de origem étnica/nacional impactando a sobreeducação. Diferentemente, ser argentina ou uruguaia impacta positivamente a sobreeducação, comparada às brasileiras brancas. Para paraguaias e bolivianas não encontramos efeito estatisticamente significativo de origem para explicar a sobreeducação em relação as nativas brancas (Modelo 1.1). Já as imigrantes que residem 11 anos ou mais, ser argentina ou uruguaia impacta positivamente nas chances de estar sobreeducada em relação as nativas brancas, (Modelo 1.2). Para as nacionalidades paraguaia, boliviana e haitiana não são identificados valores estatisticamente significantes para a sobreeducação.

Em relação as mulheres recém-chegadas do Norte global (Modelo 1.1) comparadas às nativas brancas, origem étnica/nacional impacta positivamente na sobreeducação, para as nacionalidades norte-americana, francesa, portuguesa e japonesa. As italianas não apresentam coeficientes estatisticamente significativos. Entre as imigrantes do Norte global que residem a 11 anos ou mais comparada às nativas brancas, as maiores chances de sobreeducação foram encontradas para as francesas, seguida das italianas, norte-americanas, portuguesas e japonesas (Modelo 1.2).

Para as mulheres do Norte global, há uma redução da sobreeducação para as nacionalidades norte-americanas e portuguesa, sugerindo que essas mulheres tendem a recuperar um pouco do capital humano adquirido na origem. Já para francesas e japonesas, nem mesmo após um maior tempo de permanência no país elas conseguem diminuir a sobreeducação, o que observamos é um aumento, apontando uma tendência de que o tempo não contribui para recuperação das habilidades não transferidas na chegada. E as italianas que antes não apresentavam valores significantes entre as recém-chegada,

após 11 anos sofrem com alta sobreeducação. Vale ressaltar que essa análise com amostra separada por tempo de residência no país não permite analisar o efeito do tempo de residência sobre as chances de maior ou menor sobreeducação. Para isso é necessária uma análise longitudinal de painel, algo que fica aqui como proposta para estudos futuros.

Tabela 4: Exponenciais e porcentagens dos estimadores (significativos) do modelo de regressão de Sobreeducação para Origem Nacional de imigrantes, através do tempo de residência, que possuem mulheres brasileiras brancas como grupo de referência.

TEMPO	VARIÁVEL	EXPONECIAL	%
MODELO 1.1 10 anos ou menos no Brasil	Haitianas	0,760***	-24%
	Argentina	1,898***	90%
	Uruguaia	1,431***	43%
	Portuguesa	1,978***	98%
	Japonesa	1,553***	55%
	Norte-Americana	2,839***	184%
	Francesa	2,666***	167%
TEMPO	VARIÁVEL	EXPONECIAL	%
MODELO 1.2 11 anos ou mais no Brasil	Argentina	1,865***	87%
	Uruguaia	1,608***	61%
	Portuguesa	1,717***	72%
	Japonesa	1,622***	62%
	Norte-Americana	1,856***	86%
	Francesa	2,710***	171%
	Italiana	2,268***	127%

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

A significância dos coeficientes <0,01***

Se o grupo de referência for de brasileiras não brancas/negras (Modelo 2.1) na comparação com as imigrantes do Sul global recém-chegadas, as chances de haitianas estarem sobreeducadas também são negativas. Já para argentinas e uruguaias, há uma elevação expressiva em relação a sobreeducação, frente as nativas negras. Nesta comparação, a nacionalidade paraguaia também possui chances de estar sobreeducada frente as brasileiras negras. Já na comparação com as mulheres que residem 11 anos ou mais (Modelo 2.2), o que observamos é que a sobreeducação de argentinas, uruguaias e paraguaias que residem a mais tempo no país é superior do que as que residem a menos tempo. Mais uma vez, isso sugere que o tempo não é um fator que possa a vir a contribuir para melhor situação dessas mulheres no mercado no que diz respeito ao desperdício de cérebro. Porém, outras análises com dados longitudinais, como já exposto, devem ser feitas para testar tais conjecturas.

Para as mulheres do Norte global recém-chegadas, a análise feita em comparação as nativas negras (Modelo 2.1) demonstra que todas as nacionalidades possuem altas chances de estarem sobreeducadas. Para as mulheres que residem a 11 anos ou mais (Modelo 2.2), na comparação com as nativas negras, as mulheres do Norte global apresentam valores ainda mais altos de sobreeducação, o que sugere que a origem dessas mulheres é um fator que contribui para o desperdício de cérebros.

Tabela 5: Exponenciais e porcentagens dos estimadores (significativos) do modelo de regressão de Sobreeducação para Origem Nacional de imigrantes, através do tempo de residência, que possuem mulheres brasileiras não brancas/negras como grupo de referência.

TEMPO	VARIÁVEL	EXPONENCIAL	%
MODELO 2.1 10 anos ou menos no Brasil	Haitianas	0,768***	-23%
	Paraguaia	1,136***	14%
	Argentina	2,892***	189%
	Uruguiaia	1,975***	97%
	Portuguesa	3,234***	223%
	Japonesa	2,563***	156%
	Norte-Americana	5,009***	401%
	Francesa	4,164***	316%
	Italiana	2,412***	141%
TEMPO	VARIÁVEL	EXPONENCIAL	%
MODELO 2.2 11 anos ou mais no Brasil	Paraguaia	1,310***	31%
	Argentina	3,222***	222%
	Boliviana	1,247***	25%
	Uruguiaia	2,630***	163%
	Portuguesa	3,350***	235%
	Japonesa	2,929***	193%
	Norte-Americana	3,369***	237%
	Francesa	5,088***	409%
	Italiana	4,446***	345%

Fonte: Dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, 2017.

Elaboração: Própria feita pelas autoras.

A significância dos coeficientes <0,01***

A partir das análises apresentadas acima, o desperdício de cérebros é maior entre as imigrantes do Norte global, são essas mulheres que também apresentam maior escolaridade frente as demais imigrantes e nativas. Essas mulheres são as que mais sofrem com a fraca transferência de suas habilidades e capacitações obtidas na origem. As imigrantes do Sul global, mesmo apresentando menor nível educacional, também são impactadas por uma maior sobreeducação que as brasileiras, principalmente comparadas às negras.

Embora não tenhamos testado a questão do efeito do tempo de residência, as análises sugerem que, nem mesmo com o maior tempo de residência no Brasil esse quadro se altera para as imigrantes do Norte e do Sul global, demonstrando que a Teoria da Assimilação não dá suporte explicativo para esses achados, mas sim a Teoria da Assimilação Segmentada. Esta teoria argumenta que nem mesmo com o maior tempo de residência no país hospedeiro essas imigrantes conseguiriam recuperar o status ocupacional da origem, indo de encontro aos resultados aqui encontrados.

Os dados desta pesquisa corroboram com a *hipótese 1* “ser imigrante, comparada a ser brasileira, está associada positivamente com maior desperdício de cérebro, dado a desvalorização do capital humano adquirido fora do Brasil”, visto que as imigrantes, em geral, são mais suscetíveis a sofrerem com o fenômeno do desperdício de cérebros, com exceção das haitianas.

Entretanto, não validam a *hipótese 2* “considerando as desigualdades identificadas no território brasileiro quanto a inserção laboral de imigrantes do Norte e Sul global,

inferimos que são as mulheres imigrantes do Sul global, majoritariamente, as que experienciam uma maior probabilidade de desperdício de cérebro”, visto que são as mulheres do Norte global que apresentam as maiores probabilidades de terem desperdício de cérebros e não as do Sul global. Pois as imigrantes do Norte global são as mais impactadas pela não transferência de suas habilidades e perda de capital humano no Brasil. Mas isto deve ser relativizado dado que são elas também as que mais demandam tal transferência de habilidades, dado o maior percentual de maior nível educacional.

Os dados validam a *hipótese 3* em que “não são todos os grupos de mulheres imigrantes do Sul ou do Norte global que experimentam uma maior probabilidade de desperdício de cérebro, conjecturamos uma heterogeneidade quanto à experiência do desperdício de cérebro dentre os grupos do Norte e do Sul global”. Algumas nacionalidades não apresentam desperdício de cérebros comparadas as brasileiras. É o caso das mulheres haitianas, paraguaias e bolivianas, comparadas as nativas brancas, independentemente do tempo de chegada elas não apresentam sobreeducação e desperdício de cérebros. Já comparadas as nativas negras, as haitianas e bolivianas são as que não apresentam tal desperdício. Vale destacar também que italianas recém-chegadas, comparadas as nativas brancas, não apresentam chances diferentes de sobreeducação quando comparadas às brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se propôs analisar comparativamente se trabalhadoras brasileiras e imigrantes internacionais sofrem com o desperdício de cérebros, distorção entre formação profissional (qualificação) e atuação ocupacional. Através das análises, observamos que o mercado valoriza mais os atributos das nativas brasileiras do que das imigrantes, com isso as imigrantes vivenciam maior desperdício de cérebros que às brasileiras, com algumas exceções. Contudo, são as imigrantes do Norte global as mais impactadas pela não transferência de suas habilidades e perda de capital humano no Brasil.

O mercado de trabalho brasileiro possui uma tendência à sobreeducação, e não consegue absorver todo o potencial de mão de obra altamente qualificada no Brasil (Machado; Oliveira; Carvalho, 2004; Sala, 2005), e com isso há uma perda grande para as imigrantes de suas habilidades e capacitações, principalmente para as imigrantes oriundas do Norte global. Indo de encontro a teoria da Assimilação Segmentada, o que se observa é que as imigrantes do Norte global que independentemente do tempo de residência no Brasil são as que se deparam com as maiores perdas de capital humano e maior sobreeducação nas ocupações.

Para as imigrantes do Sul global, mesmo apresentando menor nível educacional do que as do Norte Global, também são impactadas pela sobreeducação, comparadas às brasileiras. A origem étnica nacional é um fator importante para explicar a sobreeducação de mulheres no mercado de trabalho brasileiro. São as mulheres argentinas e uruguaias que apresentam maior sobreeducação em relação as nativas brancas, e são argentinas, uruguaias e paraguaias em relação as nativas negras. Para esses grupos mencionados acima, mesmo após um tempo de residência no país de destino o capital humano não é recuperado. Assim como demonstrado na teoria da Assimilação Segmentada, o mercado cria barreiras para que imigrantes permaneçam nos setores mais precários, e mesmo após algum tempo grande parte continuaria dentro desse setor. Ainda que essas mulheres vivenciem menor sobreeducação que as imigrantes do Norte global, elas também estão em pior situação que as nativas e se deparam com a dificuldade de transferência de capital humano. Cabe ressaltar o caso das haitianas, essas mulheres possuem chances negativas

de estarem sobreeducadas em diversas das análises. Tratam-se de mulheres com um perfil de baixa escolarização, que acabam sendo absorvidas por ocupações próximas a base ocupacional, diversas mulheres fazem parte de mão de obra precária em empregos que oferecem pouca ou nenhuma mobilidade ocupacional (Suzuki, 2019), com baixos salários (Medeiros et al., 2019), ficam à mercê da exploração, e estão vulneráveis a sofrerem ações discriminatórias ligadas a origem e a raça (MAMED, 2018).

A partir desse estudo, ressaltamos a importância de estudos futuros que abordam a questão das mulheres, nativas e imigrantes, dentro do mercado de trabalho, levando em conta a trajetória ocupacional, afim de preencher as lacunas deixadas em trabalhos anteriores que naturalizam o processo migratório a partir do fluxo masculino. Ainda que hoje nos deparemos com mais estudos dentro desta perspectiva de gênero feminino, esse volume ainda é muito incipiente perto dos estudos voltados às trajetórias ocupacionais de homens imigrantes. E também trabalhos futuros que possam trazer estudos longitudinais de painel, afim de verificar mais profundamente, e ao longo do tempo, se essas mulheres conseguem melhorar a situação ocupacional no Brasil e com isso observar o fenômeno da sobreeducação. Além disto, esse artigo chama atenção para a urgência em se pensar políticas sociais que permitam a redução da desvalorização do capital humano e incentivam o combate ao desperdício de cérebro.

REFERÊNCIAS

ADSERÀ, Alicia.; CHISWICK, Barry R. (2007). Are there gender and country of origin differences in immigrant labor market outcomes across European destinations?. *Journal of Population Economics*, v. 20, n. 3, p. 495.

ADSERÀ, A; Alicia; FERRER, Ana M.; HERRANZ, Virginia. (2020). *Descriptive labor market outcomes of immigrant women across Europe*. Working Paper Series.

ALENCAR RODRIGUES, Roberta; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. (2010) Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, 2010. ISSN 1807-0310.

ANGELIN, Paulo Eduardo. (2012). *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares*. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos.

ARAGONÉS, Ana María; SALGADO, Uberto. (2011). *Mercados de trabajo en la economía del conocimiento y el fenómeno migratorio: el caso de Estados Unidos (1990-2006)*. Ana María Aragonés, Mercados de trabajo y migración internacional, IIEc, UNAM, p. 79-118.

BATISTA, Natalia Nunes Ferreira; CACCIAMALI, Maria Cristina. (2009). Diferencial de salários entre homens e mulheres segundo a condição de migração. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 26, n. 1, p. 97-115.

BECKER, Gary S. (1964). *Human Capital: A theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. New York: Columbia University.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHANTI, Tania. (2015). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. *Brasília: Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais*.

CASTLES, Stephen; DE HAAS, Hein; MILLER, Mark J. (2014). *The Age of Migration*. Nova Iorque: The Guilford Press, 5. ed.

CHISWICK, Barry R.; LEE, Yew Liang; MILLER, Paul W. (2002). *Longitudinal analysis of immigrant occupational mobility: A test of the immigration assimilation hypothesis*. Department of Economics, University of Western Australia.

CHISWICK, Barry R.; LEE, Yew Liang; MILLER, Paul W. (2005). Immigrant earnings: a longitudinal analysis. *Review of Income and Wealth*, v. 51, n. 4, p. 485-503.

COTRIM, Luisa Rabioglio; TEIXEIRA, Marilane; PRONI, Marcelo Weishaupt. (2020). *Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil*. Texto para discussão, n. 383.

CZARNIAWSKA, Barbara; SEVÓN, Guje. (2008). *The thin end of the wedge: Foreign women professors as double strangers in academia*. *Gender, Work & Organization*, v. 15, n. 3, p. 235-287.

DOMENICONI, Joice de Oliveira Santos; BAENINGER, Rosana. (2018). A dinâmica da migração internacional portuguesa para o Brasil no século XXI: uma análise a partir do perfil dos imigrantes portugueses no mercado de trabalho formal. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 33, n. 2.

DUTRA, Delia. (2012). Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 20, n. 39. ISSN 2237-9843.

DUTRA, Delia; ALMEIDA, Sandro; TONHATI, Tania; PALERMO, Gabrielle. (2015). Os estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro: Perfil geral na série 2011, 2012 e 2013. *A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro*. *Cadernos OBMigra*, Ed. Especial, Brasília, p. 74-135.

EGREJA, Catarina; PEIXOTO, João. (2011). Caminhos limitados ou mobilidade bloqueada? A mobilidade socioprofissional dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 67, p. 43-64. ISSN 2182-7907.

FERNÁNDEZ, Cristina; ORTEGA, Carolina. (2008). Labor market assimilation of immigrants in Spain: Employment at the expense of bad job-matches?. *Documento de trabajo*, v. 21, p. 2006-21.

FERREIRA DA SILVA, Renata; BENTO, Juliane Sant'Ana. (2021). "Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil". *Colombia Internacional* 106: 165-198. <https://doi.org/10.7440/colombiaint106.2021.07>

FRAGA, Aline Mendonça. (2015). Trajetórias de mulheres expatriadas.

FRIEDBERG, Rachel M. (2000). You can't take it with you? Immigrant assimilation and the portability of human capital. *Journal of labor economics*, v. 18, n. 2, p. 221-251.

GUIMARAES, Nadya A.; HIRATA, Helena. (2016). La frontera entre el empleo doméstico y el trabajo profesional de cuidados en Brasil. Pistas y correlatos en el proceso de mercantilización. *Sociología del trabajo*, n. 86, p. 7-27.

LINO, Ana Lúcia Pinto; ALECRIM, Edisselma. (2017). Mulher e desenvolvimento: desigualdades no mercado de trabalho. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11.

LOZANO-ASCENCIO, Fernando; GANDINI, Luciana. (2012). Skilled-worker mobility and development in Latin America and the Caribbean: Between brain drain and brain waste. *Journal of Latino/Latin American Studies*, v. 4, n. 1, p. 7-26.

MACHADO, Ana Flávia; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo; CARVALHO, Nayara França. (2004). Tipologia de qualificação da força de trabalho: uma proposta a partir da noção de incompatibilidade entre ocupação e escolaridade. *Nova Economia*, v. 14, n. 2.

MARINUCCI, Roberto. (2007). Feminização das migrações. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Rio de Janeiro*, v. 15, n. 29, p. 1-14.

MATTOO, Aaditya; NEAGU, Ileana Cristina; ÖZDEN, Çağlar. (2006). Brain waste? Educated immigrants in the US labor market. *Journal of development economics*, v. 87, n. 2, p. 255-269.

MEDEIROS, Marcelo de Almeida; VALE, Teresa Cristina de S. C.; RAMOS, Davidson Afonso; ROCHA, Enivaldo Carvalho; SOUZA, Laticia Suely. (2019). Fronteiras de Estados emergentes: migração, cidadania pós-nacional e trabalhadores latino-americanos no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 77-112.

MOREIRA, Julia Bertino. (2017). Pesquisando migrantes forçados e refugiados: reflexões sobre desafios metodológicos no campo de estudos. *Sociedade e Cultura*, v. 20, n. 2.

OYELERE, Ruth Uwaifo. (2007). Brain drain, waste or gain? What we know about the Kenyan case. *Journal of Global Initiatives*, v. 2, n. 2, p. 113-129.

OIT. (2008). Trabalhadores migrantes: alcançar a igualdade de direitos e oportunidades. *Lisboa: OIT, Trabalho digno para todos*.

OLIVEIRA, Wagner; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; CAVALCANTI, Leonardo; GUEDES, Ana. (2019). Inserção de imigrantes no mercado de trabalho: integração de dados e análise dos novos fluxos. In: *Apresentação preparada para o 19º Congresso Brasileiro de Sociologia. Santa Catarina, Brasil*.

PERES, Roberta Guimarães (2012). Presença boliviana na construção de Corumbá–Mato Grosso do Sul: espaço de fronteira em perspectiva histórica. *Boliviana no Brasil*, p. 35.

PIORE, Michael J. (1980). *Birds of passage: Migrant labor and industrial societies*. Cambridge: Cambridge University.

PIRES, Armando J. Garcia. (2015). Brain drain and brain waste. *Journal of Economic Development*, v. 40, n. 1, p. 1-34.

SANTOS, Miriam Olivera; MESQUITA, Jacqueline Lobo. (2017) Observando o lado feminino da migração: mulheres bolivianas na cidade de São Paulo. *Revista Ambivalências*, v. 5, n. 9, p. 172-194.

SASSEN, Saskia. (2000). *Cities in a world economy*. Sage Publications.

SASSEN, Saskia. (2007). *Los espectros de la globalización*. 1 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SCHULTZ, Theodore W. (1973). *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar.

SALA, Gabriela Adriana. (2005). *Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil*.

SILVA, Camila Rodrigues. (2018). Migração de venezuelanos para São Paulo: reflexões iniciais a partir de uma análise qualitativa. *Migrações Sul-Sul*. 2ª ed. Campinas: NEPO: UNICAMP, p. 356-367.

SIMÕES, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; DE OLIVEIRA, Antônio Ribeiro. (2017). Perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos em boa vista. *Imigração venezuelana no Brasil: perfil sociodemográfico e laboral.* , p.21-48.

SUZUKI, Lílian Silva do Amaral. (2019). "*Trajetórias ocupacionais de trabalhadores imigrantes no Brasil: caminhos desiguais*". Soc. Cult., vol. 22, n. 1, p. 66-87.

UNITED NATIONS (ONU). (2012). *Migrants by origin and destination: The role of South-South migration*. In: Population Facts.

VIDAL-COSO, Elena; MIRET-GAMUNDI, Pau. (2014). The labour trajectories of immigrant women in Spain: Are there signs of upward social mobility?. *Demographic Research*, v. 31, p. 337-380.

VILELA, Elaine Meire. (2008). Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro.(2008). 166p f. Doutorado)-Departamento de Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VILELA, Elaine Meire; SAMPAIO, Daniela Portella. (2015). *Um olhar sobre as autorizações de permanência a estrangeiros no Brasil, entre 2005 e 2011*. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 32, n. 1, p. 25-48. ISSN 1980-5519.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer. (2015). Migrações e trabalho no Brasil. Fatores étnico-nacionais e raciais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 30, n. 87. ISSN 0102-6909

ZELIZER, Viviana. (2010). A economia do care. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 10, n. 3, p. 375-391.